

ATUAÇÃO NA VIDA - ATIVAÇÃO DE ESPAÇOS

Claudia Paim

A pesquisa que desenvolvi para o mestrado era sobre iniciativas coletivas de artistas que haviam surgido a partir dos anos 90, em Porto Alegre. Além do formato de coletivos, outro critério adotado para selecionar alguns destes agenciamentos foi o de terem criado espaços próprios que foram ou efêmeros ou permanentes. Durante este estudo já fomos identificando outros coletivos em todo o Brasil e alargando a pesquisa de modo a pensar estas estratégias de ação conjunta em um contexto nacional, porém evitando o apagamento das singularidades regionais onde surgiram e continuam a surgir.

Em função da reflexão realizada sobre coletivos, recebi um convite do *Projeto Trama*, no final do ano de 2005, para participar de uma mesa redonda em Buenos Aires. A partir desta oportunidade de trocas, o foco desta investigação sofreu um re-direcionamento. Foi com certo espanto que percebi a ignorância que no Brasil está disseminada em relação a arte na América Latina. Sobretudo em estudos acadêmicos, estamos habituados a olhar para o além mar. Voltamos as costas para o continente. Entretanto, simultaneamente à percepção da cegueira, houve outras: apesar da língua diferente, temos traços sociais e históricos que podem nos aproximar em termos de análise. Por exemplo, os países latino-americanos sofreram processos de colonização por países da península ibérica, receberam levadas de escravos africanos que conformaram suas formações culturais, passaram por ditaduras e processos de redemocratização no século XX... E quanto à arte? Quais as afinidades que podem aproximar tais países? E quanto aos contrastes? Na presença da impossibilidade de

respostas devida ao desconhecimento, optou-se por girar o olhar e observar os coletivos dentro deste espaço complexo¹.

Houve e, continua a ocorrer, um questionamento que também influi sobre a decisão de pensar os grupos de artistas na América Latina. Ele diz respeito a uma dúvida surgida, dentro do meio acadêmico sulino, sobre a circunscrição da arte. Melhor dizendo, sobre os limites do conceito 'arte' em muitas ações desenvolvidas por coletivos, sobretudo aquelas práticas colaborativas que atuam com movimentos sociais.

Aqui podemos pensar sobre a ação do *Taller Popular de Serigrafia* e de *Eloísa Cartonera* que atuam na Argentina, mas este exemplo já se tornou anacrônico visto que estão agora mesmo na 27 Bienal de São Paulo. Arte, portanto. Tornemos a olhar, mesmo que rapidamente para o mapa da América Latina, fácil achar outros exemplos: escolhemos entre muitas e variadas possibilidades o *La Cuadra*, da cidade de Pereira, na Colômbia e *Experimentos Culturales* de Quito, no Equador.

O projeto *La Cuadra* surge em 2000, em Pereira – cidade colombiana a cerca de 300km de Bogotá. Seus fundadores são Carlos Enrique Hoyos, Javier García, Jesús Calle, Lucía Molina e Viviana Angel e hoje há mais de 10 espaços participantes e conta com a presença de um público estimado em torno de 800 pessoas (isto em uma cidade de 550.000 habitantes). *La Cuadra* consiste em um projeto de ateliês de portas abertas onde artistas de um determinado bairro franqueiam a entrada aos seus espaços de trabalho onde organizam mostras suas e de outros artistas colombianos, realizam oficinas e há ainda uma série de atividades de rua como concertos, apresentações teatrais, literárias e poéticas. Esta ação ocorre na primeira quinta-feira de cada mês, a partir das 19hs. *La Cuadra*, inclusive já foi uma experiência tomada como modelo para outra similar no bairro San Fernando, em Cali, a partir de 2002².

¹ Além deste fator, sabemos que atualmente há no Brasil mais pesquisadores voltados para a atuação local de coletivos. Como por exemplo, Fernanda Albuquerque e a própria Rede Coro que aglutina farto material sobre muitos grupos e disponibiliza no site www.corocoletivo.org

² *La Cuadra* se realiza com recursos dos próprios integrantes e, mais recentemente, tem buscado financiamento junto a instituições culturais e apoio a empresas privadas. Este tipo de parceria, para nós não implica em desconsiderar esta iniciativa, bem como todas as outras que serão por nós estudadas, como um agenciamento auto-gestionado. Para a pesquisa de doutorado consideramos coletivos e espaços auto-gestionados aqueles onde os integrantes são os responsáveis pela idealização e administração da iniciativa, podendo buscar recursos de financiamento em diferentes fontes, desde que isto não implique em perda de autonomia administrativa.



Invitación

Jueves 5 de agosto de 2004
Carrera 12 Bis con calle 12 • 7:00 a 11:00 pm.

Memoria Viva
Homenaje a la cultura tradicional popular de Pereira y su gente.

Referentes literarios de Pereira a cargo de Jaime Ochoa,
Huellas urbanas del escritor Hugo López Martínez.
Homenaje a los 50 años del Rincón Clásico de Olmedo Ospina 9:00 pm.

Pantalla gigante EPM: Video sobre artistas Pereiranos a cargo de Andrés Marulanda, 7:00 pm.

Taller de Javier García:
Homenaje al Centenario de Donato García
-Autorretratos y fotografías de Pereira-

Taller de Carlos Enrique Hoyos: Carretilero
Acción Grupo Entinta

CONCIERTO - 8:30 PM.
Banda de Músicos de Pereira

LA Cuadra
Talleres Abiertos

TRANSMISIÓN DE PEREIRA
La televisión pública de Pereira, Colombia.

EPM
Se le habla lo que vale.

PARADISI

1. Convite *La Cuadra*, agosto de 2004.

Este projeto surgiu a partir da carência do meio local para atender aos artistas quanto ao sistema de visibilidade de sua produção, mas sobretudo pelo desejo de realizar um projeto maior que não se limitasse a questões de produção-visibilidade, mas que tocasse em questões sociais e urbanas. Uma maneira de pensar o papel do artista em um circuito ampliado: artista como agenciador. Arte como resistência.

Os objetivos de *La Cuadra* são: primeiro, pela criação de uma rede de ateliês de portas abertas, impulsionar a produção artística na cidade e oferecer espaços de visibilidade que sejam alternativas aos espaços tradicionais e que possam ser usados como canais de comunicação mais direta com o público. Segundo, além dos ateliês abertos, as manifestações que ocorrem na rua nos dias já mencionados, servem como um movimento de aproximação com um público mais amplo do que aquele que frequenta espaços de arte convencionais; mas talvez o mais importante seja este outro objetivo: uma ação de reapropriação do espaço urbano como espaço público e a geração de um sentido de pertencimento. Voltar a usar a rua como lugar onde ocorrem encontros e trocas intersubjetivas.

Celebrar atos de recuperação de espaços onde os cidadãos demonstrem que são capazes de vencer a violência e a ameaça de guerra, exercendo um grande rito coletivo de renovação e de esperança que põe em movimento nossa riqueza e diversidade cultural³.

Lembremos Michel de Certeau para quem “o espaço é um lugar praticado”⁴: é pelo uso que singularizamos um espaço. Em Pereira, voltar a usar a rua tem um significado especial pois é a recuperação da convivência pública perdida para a violência e a guerra do narcotráfico. E aqui, conforme diz Hannah Arendt, é o espaço público que é político por excelência pois é onde se exerce o encontro/confronto entre alteridades, *locus* onde indivíduos se ligam pelo discurso e pela ação⁵. Na voz dos integrantes de *La Cuadra*, trata-se de “hacer ciudad”⁶.

Quando diversos coletivos fazem uso de espaços ex-cêntricos ao sistema da arte, evidencia-se então a necessidade de uma crítica que testemunhe o processo artístico, visto que muitas proposições não apresentam um objeto como resultado final, sendo mais da ordem da ação relacional, da intervenção ou da interrogação quanto a algum aspecto da sociedade em geral ou do próprio campo da arte.

Dentro de nosso universo de pesquisa encontramos ainda outros projetos de ativações do espaço urbano, como o coletivo *La culpable* que a partir de seu espaço homônimo em Lima, Peru, organiza, entre outras ações, o *Mercado de pulgas del barrio*; há a atuação do *GAC – Grupo de arte callejero*, da Argentina; e a multiplicidade de ações do *Experimentos Culturales*, do Equador. Este último é um coletivo formado por antropólogos, sociólogos e artistas que publicam uma revista eletrônica, desde 2002⁷.

³ Conforme questionário respondido pelo grupo em www.proyectotrama.org Acesso em 12/04/06. Tradução nossa.

⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

⁵ Citada por Francisco Ortega. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

⁶ Ver nota 3.

⁷ Os responsáveis pelo site são Carla Estrella, Ana Lucia Garcés, Francisco Jiménez, Manuel Kingman, María del Carmen Oleas e Gonzalo Vargas M.



2. La culpable. Lima, Peru. *Mercado de pulgas del barrio.*

A publicação eletrônica é um meio de difusão para sua produção artística e pensamento crítico. Nela estão documentados os projetos do coletivo que atua com um foco acentuado no espaço público e busca envolver a população. Uma de suas propostas foi *La Calle del Algodón* (exposição/intervenção nas ruas Sucre e Garcia Moreno, no Centro Histórico de Quito, em novembro de 2003): criaram um suporte para fotos de Manuel Kingman sobre o antigo comércio informal nesta região da cidade e objetos apropriados. Pretendiam uma ação de rememoração por parte do público, além de questionar os espaços muito regulamentados como excludentes de ações culturais espontâneas⁸.

⁸ Informações obtidas em <http://www.experimentosculturales.com>.



3. Experimentos culturales. Quito, Equador. *La Calle del Algodón*, 2003



4. Experimentos culturales. Quito, Equador. *La Calle del Algodón*, 2003

Quanto à *Mostra de Vídeos Bastardos*, gostaria de apontar aqui algumas de suas singularidades. Esta mostra surge de uma troca de idéias durante um Encontro do Projeto Trama, na Argentina, em 2005. Ali ela adquire o formato de rede e parcerias se estabelecem. Em Porto Alegre, ela é produzida e agenciada pelo coletivo POIS (no qual trabalho junto com Luciano Zanette e Marcelo Gobatto). Vídeos bastardos são aqueles que colocamos no mundo e entregamos à própria sorte que será, entretanto, projetada por outros parceiros em outros

contextos. Os objetivos da mostra são: divulgar a produção de pessoas que estão trabalhando de forma experimental com vídeo e que se dispõem a delegar a terceiros as formas de visibilidade de sua produção e a experimentação quanto à formas de exibição criando espaços e ressignificando-os e situações que envolvam pessoas que habitualmente não têm acesso a este tipo de produção.



4. *Mostra de Vídeos Bastardos*, em Porto Alegre, 2006. Produção local: POIS

Toda cidade que se integre a esta rede tem de organizar um dvd com vídeos locais que será colocado no circuito e deve se responsabilizar por organizar projeções dos vídeos das cidades parceiras. As projeções podem e devem ser criativas e acontecer em qualquer espaço – cada cidade tem autonomia quanto a isto.

A curadoria de cada dvd é afetiva: chama-se os participantes por simpatia e afinidades. As decisões são horizontalizadas e a motivação é o compartilhamento.

Atualmente o circuito dos *bastardos sem fronteiras* ocorre entre Porto Alegre, Valencia na Espanha, Bahia Blanca na Argentina e Cochabamba na Bolívia e estamos aguardando material de Concepción, no Chile. Nossa intenção em trazer a Mostra de Vídeos Bastardos para junto do *Reverberações* é conquistar e seduzir, provocar emoções doces e intenções fortes em novos parceiros pelo Brasil.

Entendemos arte aqui como ação de resistência: tendo como base a cooperação, gestão, agenciamento. Arte não pensada em termos de produto mas também não mais apenas vinculada aos movimentos de desmaterialização dos anos 60 e 70, mas como produção não estandardizada de sujeitos/subjetividades a partir de espaços dos quais nos apropriamos e que vão dos espaços físicos até os discursivos (esta noção de relação com o espaço é desenvolvida por James Meyer⁹ como o conceito de *functional site*).

Para finalizar, cito uma passagem de um texto escrito pelo coletivo argentino *Duplus* que abordam as práticas situadas desenvolvidas por coletivos e o significado deste tipo de movimentação e de forma de organização dentro do campo artístico e não-artístico e que espero que toque a todos como fez comigo.

O amor é como a relação entre um peixe e uma bicicleta, posto que nem um nem outra podem calcular aquilo que os une: o amor é a força do antiutilitário na vida. O que existe entre o peixe e a bicicleta é o vazio, o 'nada em comum', que deverá fazer-se comum a cada vez. Sobre esse vazio, os amantes são construídos pelo amor. [...] o comum se constrói sobre um vazio de lei¹⁰.

Claudia Paim

Artista plástica, doutoranda em artes visuais

⁹ "The functional Site; or, The Transformation of Site Specificity". In: SUDERBURG, Erika (ed). *Space, Site, Intervention: situating installation art*. Minneapolis (EUA): University of Minnesota Press, 2000.

¹⁰ NAVARRO, Santiago Garcia [et al.]. *El pez, la bicicleta y la maquina de escribir: un libro sobre el encuentro de espacios y grupos de arte independientes de América Latina y el Caribe*. Buenos Aires: Fundación Proa, 2005. p. 113. Tradução nossa.

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Outubro de 2006